REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 466

1 DE DEZEMBRO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Parece que umas tentativas de iberismo apenas theoricas, que vieram, ha um anno, a lume do jornalismo, despertaram a ideia nos animos mais ou menos adormecidos de se solemnisar com maior pompa agora o anniversario da Restauração de Portugal. Assim se explica que, indo a decahir de anno para anno os festejos d'esta data, de repente tomassem novo incremento e se fizessem sentir com mais apparato, apparato que se revela por uma forma em extremo sympathica, porque a maior parte se resume em esmolas.

No theatro de D. Maria preparava-se, de accordo com a commissão dos festejos, a representação do *Alfageme de Santarem* no dia 1 de dezembro, trabalhou-se com affinco para a realisação d'esta ideia, mas tornou-se realmente impossivel decorar, estudar em todo o seu detalhe e ensaiar para aquelle dia uma peça que, além de todo o seu valor proprio, está assignada por Almeida Garrett. Por isso, em vez do *Alfageme* servir para uma demonstração patriotica, será com elle organisada no dia 9, anniversario da morte do illustre poeta, uma recita de homenagem em que se fará a coroação do busto do grande restaurador do theatro portuguez. Artistas e auctores dramaticos entrarão n'esta apotheose, e o theatro, n'essa noite, marcará uma das mais honrosas paginas da sua historia, commemorando dignamente a data da morte de tão notavel escriptor. E estas consagrações teem um grande valor e utilidade: ao passo que mostram que se não esqueceu quem trabalhou em bem da sua patria, quem enriqueceu com o seu talento e com a sua penna o nome portuguez, despertam em todos os que compõem este pequeno meio litterario um desejo enorme de trabalhar, de caminhar e de procurar a conquista de nome pela união do estudo com a intelligencia. Além d'isso hoje estão mais os tempos para se fazer reviver a memoria dos artistas que dos guerreiros, dos que fizeram, conhecido e grande o seu nome pelo talento e pelo trabalho do que pela espada e pelo arrojo, e ainda mais em paizes como o nosso que só póde fazer-se respeitar pelo são criterio, e pela fama litteraria ou scientifica, do que pelas nossas armas e pelos nossos canhões que, se custaram muito dinheiro, ainda não custaram... nem uma lagrima! E antes assim.

EDUARDO SCHWALBACH — AUCTOR DA COMEDIA-DRAMA «O INTIMO»

(De photographia de A. Bobone)

Mas, como ia dizendo, não se tendo podido realisar no dia 1 de dezembro a recita no theatro de D. Maria com o *Alfageme*, nem mesmo com outra peça, enramalhetada com uma formosa poesia de D. João da Camara, e uma grande execução orchestral, segundos depois se pensava, por chegar tarde a Lisboa el-rei D. Carlos de regresso de sua viagem ao norte, e não poderem assistir ao espectaculo nem elle nem a commissão dos festejos que deliberara ir esperal-o, as demonstrações de regosijo cifraram-se em solemne *TeDeum* na Sé, em bodos e mais esmolas a pobres e illuminação do monumento dos Restauradores.

Realmente, a esmola, o acto de caridade é sempre de todas a mais sympathica demonstração de contentamento ou de saudade. Assim o entendeu tambem com justa comprehensão o nosso amigo sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, homem trabalhador, infatigavel e um dos nossos mais prestimosos cidadãos, no projectado monumento á memoria de el-rei D. Luiz, que lhe era bem affeiçoado, por ter tido mais d'uma vez occasião de apreciar o alto valor do caracter e do espirito d'este excellente homem, que tem sabido conquistar a estima geral pelo seu trabalho e pela grande qualidade de procurar sempre ser util.

O monumento ao finado monarcha, que foi um grande esmoler e um luctador pelo derramamento de instrucção, será levantado em Cascaes, onde elle acabou os seus dias, e consistirá n'uma escola para meninas, edificada por

meio de subscripção. A homenagem ao bom monarcha será representada por uma prova expressiva dos sentimentos d'elle, e pela continuação da sua obra de caridade.

*
* *

Um acontecimento triste veiu, no intervallo da ultima chronica a esta, impressionar a nossa sociedade elegante: um dos mais esbeltos *sportmen*, o sr. Eduardo Romero, tem estado á beira da sepultura, por causa d'uma queda que deu no picadeiro, ao querer obrigar o seu cavallo a fazer os mesmos trabalhos que o da amazona Eugenia Weiss. O animal cahiu, e colhendo o cavalleiro, que n'um segundo antes se deixara escorregar e ficara de pé no terreno, fracturou-lhe a bacia, causando-lhe outros males que a sciencia tem procurado com muito trabalho debellar. Parece que agora o doente começa a estar mais longe da morte que da vida, e por isso todos os seus amigos rejubilam com este facto. El-Rei, que muito o distinguiu em Cascaes, tem mandado saber d'elle repetidas vezes em telegramma, e consta que os seus mais intimos lhe preparam uma grande manifestação no regresso á vida elegante. A epoca vae-se revelando expressivamente em demonstrações de jubilo aos que conseguem, depois de fortes enfermidades, escapar ás garras da morte, e isto em todos os campos: na politica, no *sport*, e na litteratura. Isto prova um apreço sincero por quelles que, nos differentes ramos de vida mais ou menos uteis, se tornam salientes pelas suas qualidades e pelos seus dotes.

*
* *

Em artigo expressamente consagrado á viagem de Suas Magestades ao norte do paiz, encontrarão os leitores com largueza tratado este assumpto, em outra secção do OCCIDENTE. Por isso aqui me limitarei a consignar que foi toda de festa e enthusiasmo essa ida dos reis de Portugal ao Douro e ao Minho, onde poderam apreciar a estima que os povos lhes consagram, e onde poderam ver o estado das nossas industrias, a protecção que merecem, e o ensino que é necessario applicar-lhes.

No mesmo dia em que se festeja a restauração de Portugal, regressam o sr. D. Carlos e sua esposa á capital do reino, onde decerto serão acolhidos com o respeito e estima de que são dignos e de que tantas provas teem recebido no seu ainda curto reinado, que tão tempestuoso começou, mas que tão serenamente se vae desdobrando, de modo a confirmar o desejo dos nossos visinhos *de que não gostam de bom principio á vida*.

*
* *

No ultimo dia do mez, reabriu-se o parlamento, sob uma atmosphera fria, impassivel, com concorrencia pequenissima de espectadores, de deputados, de pares, e de ministros. Alguem comparou, por antilhese caprichosa, o parlamento em dezembro a uma epoca de verão em theatro, que quasi sempre, apesar do calor da estação, corre fria e desanimada, excepção feita ao *Burro do sr. Alcaide*, o burro mais trotador que tenho visto.

Na primeira sessão da camara, apenas se requererem esclarecimentos por esta e por aquella pasta, e foi logo fechada depois de nomeadas ou eleitas algumas commissões. E tudo leva a crer que d'aqui até ao fim do anno, a *epoca* se arrasta sem um acontecimento de vulto, a não ser talvez a questão da pauta, para a qual deve convergir seriamente a attenção do paiz, por ser um dos assumptos mais importantes que ha a tratar, estudando-se e applicando-se na devida conta o proteccionismo iniciado pelas outras nações, mas não esquecendo a importante receita aduaneira. A não ser isto que chame um pouco a concorrencia a S. Bento, a *epoca* alli será morta, porque effectivamente é muito mais propria para S. Carlos do que para S. Bento.

*
* *

O demonio é que em S. Carlos, por causa das notas tem havido uma grande embrulhada, dando-se o capricho da crise ser devida ás notas da empreza e não ás notas dos artistas, como quasi sempre tem acontecido.

Não sei ao certo o que se resolveu, mas o que me parece é que os artistas receberão um terço dos seus ordenados em papel e o resto em oiro, o que mesmo assim acarreterá um augmento de 14 contos de deficit á empreza, devido ao agio da libra. Ao que se diz, o governo não quer auxiliar a empreza, e esta pouco tempo poderá resistir, mas isto são apenas boatos e estou certo de que com um pequeno auxilio, que se prestará, e boa vontade de artistas e dos emprezarios, entre os quaes ha um excellente conhecedor d'aquelles assumptos e que pela sua intelligencia e correcção se torna merecedor de todas as sympathias, o sr. Augusto Machado, tudo se ha de arranjar.

O que me parece necessario é que para o futuro se pense em que não pode haver em Lisboa uma epoca lyrica de tantos mezes: tres mezes de theatro de S. Carlos é tempo sufficiente.

Eduardo Schwalbach Lucci.

O INTIMO

COMEDIA - DRAMA EM 3 ACTOS
DE EDUARDO SCHWALBACH

Ha uma parte do nosso publico que tem uma exclamação apposito da alta comedia do Eduardo Schwalbach: — Como é que este rapaz appareceu repentinamente um escriptor dramatico ??!...

Vamos explicar o segredo. Eduardo Schwalbach ha alguns annos que se dedicava ao estudo de theatro: lia criticos, frequentava com assiduidade os palcos, observava a *marcação* das peças, estudava os actores, as suas forças, a sua craveira educativa, etc. E depois de uma demorada frequencia n'este empenho, conseguio conhecer *praticamente* o campo em que tinha de dar batalha.

Uns chamam-lhe Pailleron, outros Sardou e não sei se Dumas filho. o certo é que nem Dumas, nem Pailleron, nem Victorien Sardou escreveriam o nosso *Intimo*. Porque a peça é exclusivamente nossa e nenhum d'elles, como é natural, conhece a sociedade portugueza.

Ha ainda outra ala de criticos: é a que se admira do espirito, da elevação de phrase, da phrase, da graça fina, sem descalabro, com que Schwalbach salpica o dialogo em todos os trez actos do *Intimo*.

Aqui é que eu peço licença para um reparo: posso garantir que Eduardo Schwalbach não trabalhou a phrase. E a razão é simples: quem vive ou vem de um meio selecto não precisa senão repetir as phrases que ouve ou que diz para dar uma completa ideia do *meio* em que vivem os seus personagens.

Se porem um auctor não pertence, por educação, ou por classe, ao meio em que representa o assumpto que quer desenvolver, esse, é que fatalmente ha de cahir em contradições e falsidades que lhe prejudicam o objectivo do seu trabalho. Mas aquelle que não tem mais do que recordar-se ou de ver o que lhe passa em frente, é verdadeiro, é justo e complecto na descripção ainda mesmo que se não preocupe muito com isso.

Mas apesar de todas estas aparentes facilidades, é preciso ter talento, ser illustrado, possuir um espirito analytico.. Pudera! Então queriam que se produzisse uma obra como o *Intimo* sem materiaes, sem arte, e sem trabalho? Requisitos que possuem tantos outros novos que conhecemos, e que o publico não conhece porque lhe não foram postos em evidencia.

*
* *

O entrecho do *Intimo* é simples mas prende o espectador de forma a estar surpreso, interessado, e hesitante até ao final.

Os principaes personagens são o *ministro* (João Roza), a *mulher do ministro* Carolina Falco), o *marquez de Carvide* (Ed. Brazão) a *viscondessa* (Roza Damasceno), o *secretario do ministro* (Augusto Roza), o *conselheiro Napoleão* (Cesar de Lima), o *jornalista* Ferreira da Silva), a *filha do ministro* (Lucinda do Carmo), a *baroneza* (Emilia dos Anjos), etc.

Entre o *ministro* e o *marquez de Carvide* existiam as relações escholasticas de comtemporaneos na Universidade de Coimbra, nunca mais se separaram, e agora o ministro tinha o marquez como o seu mais intimo amigo. D'essa intimidade nasceram uns amores do *intimo* com a mulher do ministro e o fructo é *Clara* (Lucinda do Carmo).

No 1.º acto é a apresentação dos diversos personagens, e chega *Clara* de completar a sua educação n'um collegio conventual, como usa a nossa aristocracia.

E' o acto em que o auctor mostra mais technicamente conhecer a scena.

Fazer mover e fallar mais de uma dezena de figuras com uma certeza, uma harmonia, um conhecimento de officio, uma maneira de arte que maravilha e encanta, é realmente digno dos applausos com que as platéas teem victoriado Schwalbach.

O marquez teve, antes de conhecer a mulher do ministro, uns galanteios com a *Viscondessa* que deixou pela mulher do ministro. A viscondessa jura vingar-se de esta preferencia.

Começa de formar-se a tempestade......

O *ministro* que no 2.º acto está radiante por ter ganho a eleição na capital e de ter feito eleger deputado o filho do seu *intimo* amigo o marquez de Carvide, propõe a este o casamento de sua filha *Clara* com o novo deputado. *O marquez*, como é logico, inventa mil pretextos para evitar a ligação dos dois irmãos. Intervem a *viscondessa* insinuando a Clara que o *marquez* está apaixonado por ella e que devendo aquelle o *ministro* quantiosas sommas, só o casamento da pobre menina com o *marquez* pode salvar o ministro da angustiosa situação em que se encontra..

O *marquez* tem para com sua *verdadeira* filha carinhos que esta pensa serem galanteios precursores de uma declaração em forma, e por isso antecipa se-lhe dizendo que *sabe tudo*... O marquez pensa que a filha sabe dos seus amores adulterinos e abre inteiramente o coração a essa creança! E é então que ella sente que o seu verdadeiro pae é o marquez e que a *viscondessa* a enganou! Esta é uma das scenas mais brilhantes da obra de Schwalbach...

O marquez attribue logo toda a intriga á viscondessa.

O *secretario do ministro* que está enamorado de Clara salva a situação. O *marquez* finge desistir da posse da filha do ministro declarando-se vencido pelo secretario.

Como vêem é simples o entrecho, mas devem confessar que não ha nada mais surprehendente.

O desempenho é completo por parte de todos os artistas, cujo nome está feito no nosso mundo dramatico. Devemos porém especialisar, pelo genero que foi successivamente propriedade de Manuela Rey, Virginia e Rosa Damasceno, devemos notar Lucinda do Carmo no papel de *Clara* que não póde ser mais bem desempenhado. A delicadeza do porte, as infantibilidades, a desenvoltura da edade, a meiguice da voz, tudo dá um conjuncto que torna o papel de *Clara* uma verdadeira creação da actriz Lucinda do Carmo.

*
* *

Está pois consagrado dramaturgo nacional, Eduardo Schwalbach.

Junto á pleiade dos novos em que scintillam os nomes de Lopes de Mendonça, D. João da Camara, D. Thomaz de Vilhena, J. Miranda etc., junta-se agora o de Eduardo Schwalbach.

Ainda bem que assim é por que isso prova que o espirito nacional que ultimamente tem produzido operas comicas como o *Burro do sr. Alcaide* e a *Moira de Silves*; dramas historicos como o *Duque de Vizeu*, a *Morta* e *Affonso VI*; vem agora juntar-se a moderna alta-comedia, como *O Intimo*, brilhante trabalho do nosso Schwalbach.

Quando em 1887 desinteressadamente pugnavamos a fim de que o premio *D. Luiz I* fosse concedido a Lopes de Mendonça, diziamos:

«Na litteratura moderna, e não fallemos só em Portugal, porque em França o theatro nacional está pobre. ha poucos dias representou-se em Paris uma traducção»!

«O auctor foi designado por Voltaire *un barbare*, ora o theatro francez representa o *Hamlet* de W. Shakspeare!»

«A França está pobre de dramaturgos.»

E mais adiante insistiamos:

«O premio litterario, chamemos-lhe assim, não deve hesitar em correr em soccorro do theatro nacional.»

«A victoria que a litteratura alcançou com a representação no theatro portuguez do drama historico *O Duque de Vizeu*, ao passo que o theatro dos francezes tinha de importar do estrangeiro um drama inglez, é uma victoria que a nossa illustrada Academia não pode deixar de perpetuar por meio da honrosa lembrança de el-rei de Portugal.»

«Ahi fica a nossa opinião. O premio é annual, portanto chegará a muitos mais.»

«Nada de impaciencias; primeiro o theatro nacional.» [1]

Pouco depois era o premio adjudicado a Lopes de Mendonça como auctor do *Duque de Vizeu*.

Combatemos sempre em favor do theatro nacional.

Effectivamente a litteratura de theatro (dramas, comedias, operetas etc.) pode regenerar um povo quando todos os escriptores se possuirem do mesmo intuito—*regenerar este povo agonisante por descrêr de tudo*.

Trabalhem todos, preoccupem-se só da sua obra não invejem nem depreciem por isso a obra dos outros, e verão que para todos ha logar.

O mal da nossa litteratura, da nossa arte, da nossa nacionalidade emfim, tem sido sempre o reparo nos outros, impedindo-os de chegar onde pretendem, n'este empenho a nossa obra é abandonada e a do *outro* inutilisada, por isso que toda a nossa intelligencia se empregou em destruir o trabalho de outrem.

Não fazemos nada e não deixamos produzir os outros esta é que é a verdade.

É necessario vida nova, novos habitos, nada de impaciencias, primeiro o theatro nacional. Faça-se ao menos uma cousa. Não se pretenda tudo, que é o caminho mais curto para se não ter nada.

*
* *

O *Diario Illustrado*, monarchico retinto, e *A Folha do Povo*, republicano vermelho, fazem os maiores elogios a Schwalbach; e escolhemos estes dois acreditados periodicos para demonstrar que quasi toda a imprensa foi animada do sentimento de justiça que presidiu á consagração d'esta obra nacional que tanto honra o theatro portuguez.

O Diario Illustrado diz:

«Deslumbra e attrahe, seduz e maravilha convida a rir pelo fino sabor das phrases delicadas; emociona e commove pelo tom sentido dos dialogos mais dramaticos, que os tem magnificos e surprehendentes, burrilados a primor, segundo as modernas exigencias da arte.»

A *Folha do Povo*, em um bello artigo de Silva Lisboa affirma que:

«Ha muito tempo que uma platéa não se sentia dominar por essa impressão especial, que o povo na sua linguagem pittoresca, exprime pelas *medidas cheias*. Da primeira phrase até á ultima o publico conservou as suas *medidas cheias*. A graça da comedia a estructura do drama, a genese psychologica dos personagens, a architecção de todo esse trabalho, em summa, empolgou a attenção da platéa por fórma tal, que não teve ella outro remedio senão dar livre curso ao seu enthusiasmo, saudando constantemente o sr. Schwalbach, que para sempre ficou considerado como um dos mais notaveis cultores da litteratura dramatica portugueza, em que pése aos criticos de capa e espada.»

Terminando o nosso artigo agradecemos ao auctor as attenções que por sua parte teve para com o signatario d'estas linhas.

Manoel Barradas.

AS NOSSAS GRAVURAS

VISITA DA FAMILIA REAL AO PORTO

Contavamos publicar hoje um desenvolvido artigo a respeito da viagem que os monarchas acabam de fazer ao Porto e mais cidades do norte, devido á penna do nosso distincto collaborador e bom amigo sr. Manoel Maria Rodrigues, mas como até á hora da nossa folha entrar na machina, não recebemos do correio o referido artigo, será publicado no proximo numero.

BUENOS AIRES

UM HOMEM DO CAMPO

São em toda a parte os homens do campo os que conservam melhor o typo de raça do paiz, em consequencia do seu viver mais apartado das cidades, onde alguns apenas vem de visita, e porque formam familia entre os seus com todos os habitos tradiccionaes, não confundem e perdem os seus caracteriscos no cosmopolitismo das cidades.

Assim encontramos no camponio de Buenos-Aires, o argentino mais caracteristico, esse typo meio americano, meio hespanhol dos tempos passados.

Homem forte e arrojado, mais para a aventura que para o trabalho, facilmente impressionavel e orgulhoso por indole. Bom cavalleiro por habito, pois gosta muito mais de andar nas pernas d'outro que nas suas proprias.

Sobrio, como todo o camponio, essa sobriedade é o segredo da sua saude e longevidade. A vida natural do campo completa a felicidade do seu viver no seio da natureza, d'onde não se aparta para a vida artificial das cidades.

Os seus trajes simples, attendem mais á commodidade do que á elegancia, sem que por isso deixem muitas vezes de a ter.

Uma jaqueta de panno, uns calções, umas polainas até ao joelho descançando sobre os sapatos de salto de prateleira, um capote e um chapeu de feltro com a aba levantada na frente, é o seu traje habitual. O açoite, sempre na mão, serve-lhe para domar o seu cavallo colhido na *Pampa*, no estado selvagem, e pouco respeitador de quem o não souber dominar sem medo e com bom calção.

[1] *Universo Illustrado*, Tom. 4.º anno 1887.

BELGICA

EXCERPTO

(Continuado do n.º 465)

Não póde considerar-se uma era de paz o governo de Filippe o *Bom*, embora durante elle florescessem o commercio, a sciencia e as artes. A sua principal solicitude empregou Filippe na restauração da unidade monarchica, congregando para isso os membros dispersos da nacionalidade belga, que, pouco mais ou menos cinco seculos antes, o regimen feudal havia desorganisado e retalhado. Applicou-se ainda a estender a sua obra de unificação até ás proprias instituições; mas tudo isso não pôde realisar-se sem perturbações e abalos violentos, e ao passo que no regimen communal foram as communas que investiram contra os principes, agora era o principe quem aggredia não só estas, como tambem a França, propondo-se ao mesmo tempo desalojar de Calais os inglezes. Ambicioso de gloria, riquezas e preeminencia politica, a sua vida foi uma constante lucta, em que sua mulher, tão preclara pelos dotes da intelligencia culta e das peregrinas virtudes do coração, esteve sempre ao seu lado. Tal era effectivamente a prudencia e sagacidade d'esta senhora, alliadas á graça peculiar do seu sexo e denominadora de todas as resistencias, que seu marido lhe confiou voluntariamente a direcção dos mais delicados negocios.

Poucos portuguezes ficaram com Isabel em Flandres; sem embargo, porém, tomaram mais incremento as nossas relações com aquelle paiz.

A influencia de Portugal havia-se accentuado, pois não só concorreu para a prosperidade das communas e para o advento da burguezia, mas poupou algumas vezes o povo flamengo a graves e sangrentos conflictos. Assim, sob Roberto de Béthune, a opposição ao humilhante *tratado de iniquidade*, em 1305, fez reviver todas as dissensões entre Flandres e a França, e deu origem a uma polemica diplomatica, á qual os soberanos da Europa quizeram pôr termo em 1317, por verem na reconciliação dos dois paizes segura garantia da paz universal. El-rei D. Diniz e D. Affonso XI de Castella, de accordo com outros principes, encarregaram embaixadores seus de negociar a paz, a questão foi submettida á arbitragem do papa, até que as communas flamengas, em presença da conciliadora attitude tomada pela cidade de Gand, se viram obrigadas a subscrever o *tratado de Paris*, em 1320. A mediação de Portugal n'este negocio foi altamente efficaz e proveitosa para Flandres.

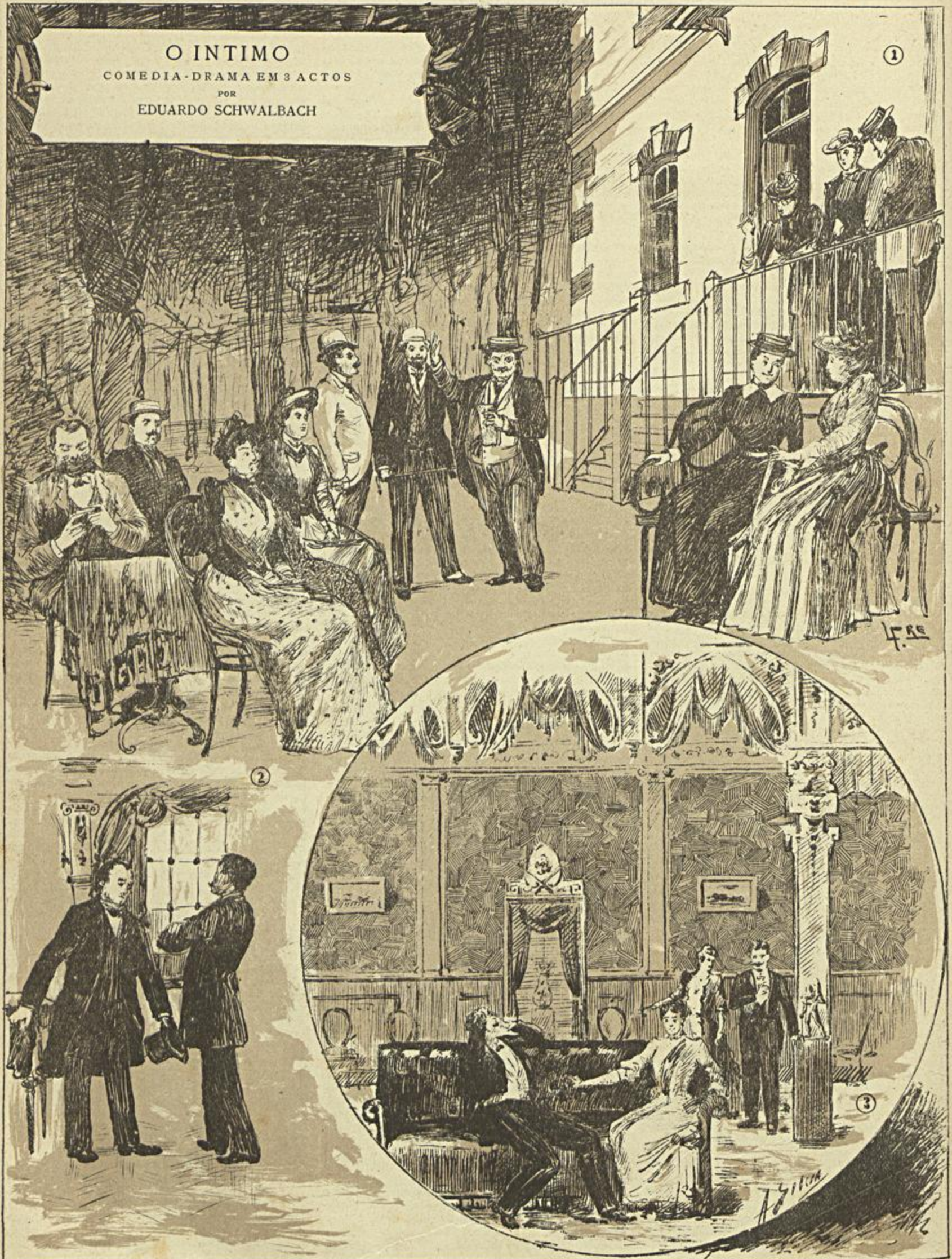
Data de 1386 o estabelecimento definitivo de mercadores portuguezes em Bruges, onde vieram a ter casa propria, edificada no anno de 1445, para as suas transacções commerciaes, e uma capella na igreja dos dominicos. Bruges era então a Veneza do Norte, tinha chegado ao apogêu da sua potencia commercial; Gand e Ypres os grandes centros industriaes. Em 15 de janeiro de 1386, o duque de Borgonha, Filippe *o Atrevido*, concedeu aos habitantes e mercadores de Portugal um passaporte datado de Paris, para residirem em Flandres com suas familias e seus creados, comprarem e venderem, bem como irem a Inglaterra sem risco de qualquer vexame; e este privilegio, que sómente era valido por um anno, renovou-se no seguinte por tempo indeterminado. Em 26 de dezembro de 1411, João *sem Medo* consignou em uma carta datada de Gand novos privilegios, cada vez mais importantes, para os portuguezes, declarando que elle os tomava debaixo da sua protecção. Estas franquias foram ainda ampliadas por Filippe *o Bom*, em diploma passado na cidade de Bruxellas, com data de 2 de novembro de 1438. Ao mesmo tempo Filippe *o Atrevido*, por odio a Bruges e Ecluse, havia outorgado á cidade de Anvers uma carta preciosa, que rapidamente attrahiu para ali os mercadores estrangeiros, e por seu turno os condes da Zelandia tambem os favoreciam, de modo que já os portuguezes em 1390 frequentavam o mercado de Middelbourg e aqui se estabeleceram alguns d'elles. Em meiados do seculo XV havia-se deslocado sensivelmente o commercio de Flandres, para o que diversas causas contribuiram. Por uma parte as guerras muitas vezes movidas pela casa de Borgonha contra as corôas da Inglaterra e da França eram golpes de morte atirados ao coração do laborioso povo flamengo, cuja vida mercantil tanto havia prosperado. A' medida que o movimento commercial ia decrescendo em Flandres, via-se logo accelerar na Zelandia e na Hollanda; mas quem mórmente lucrava com o infortunio dos flamengos era a Inglaterra. Os soberanos d'este paiz abriam de par em par as portas dos seus estados aos proscriptos, aos vencidos, ás victimas emfim das discordias intestinas de Flandres, attrahindo-os com toda a especie de favores. Depois instruidos por estes emigrados no segredo da maior parte do trabalho fabril, os inglezes, de simples fornecedores de materias primas, tornaram-se fabricantes, e não tardou que introduzissem nos mercados belgas os seus productos, que chegaram a rivalisar com os da industria flamenga, fazendo-lhes uma concorrencia prejudicialissima. Por outra parte como não bastassem as paixões e os erros dos homens, para exhaurir a fonte de prosperidade de Flandres, a propria natureza parecia conspirar com elles para precipitar a obra do seu abatimento e da sua ruina. Os navios mercantes iam insensivelmente abandonando as costas e portos flamengos que se obstruiam a olhos vistos. As restingas e parceis de areia, que se formavam pouco a pouco na Ecluse, condemnavam-n'a á mesma sorte de Damme, que por ella fôra subsituida para seruir de ante-porto a Bruges. Finalmente, as isenções e franquias, de que já gosava Anvers, acabaram de arruinar o commercio da turbulenta Bruges em proveito da sua rival, que depressa a eclipsou totalmente, herdando os esplendores da capital flamenga, e tornando-se a metropole do commercio belga, graças ainda á transformação profunda, produzida no systema commercial pela descoberta da America e do novo caminho da India. Os portuguezes foram os primeiros a transferir de Bruges para Anvers o centro das suas operações commerciaes.

Tambem ao archipelago açoriano coube o seu quinhão, na intimidade em que viviamos com o povo belga, desde o seculo XII; porquanto a illustre Izabel de Portugal, duqueza de Borgonha, depois de reiteradas instancias que fez junto de seu sobrinho D. Affonso V, o qual emfim cedeu, mandou duas mil pessoas de todos os estados e profissões a povoar os Açores, e essa grande caravana foi transportada por muitos navios, que conduziram igualmente moveis, objectos necessarios para a cultura das terras e construcção de casas, alfaias destinadas ao culto religioso, e, durante dois annos, tomou a seu cargo a subsistencia dos colonos.

Recordo o facto n'este logar por obediencia á chronologia; e mencionarei outro menos notorio succedido igualmente no reinado de D. Affonso V.

Veiu a Portugal a flor dos paladinos belgas, o cavalleiro Jacques de Lalaing, filho de Guilherme de Lalaing e de Joanna de Créquy. Trouxe para o rei cartas de recommendação do duque de Borgonha, que lhe havia concedido licença para desafiar os mais denodados cavalleiros da maior parte dos paizes christãos e bater-se com elles.

O nosso D. Affonso agradeceu-lhe o ter-se lembrado tambem de Portugal, para exhibir aqui a sua destreza e valor, mas que sendo tão intimas as relações da familia real portugueza com a dos duques de Borgonha, não toleraria que alguem de sua casa ou reino pegasse em armas contra os da borgonheza, antes todos os seus estavam promptos a servil-a. Foi uma recusa gentil. D. Affonso V convidou depois o illustre aventureiro a dansar com a rainha, offereceu-lhe uma caçada e muitos presentes valiosos.

Mostrando-se reconhecido pelo affectuoso aco-

1 O conselheiro Napoleão lendo a sua poesia á chegada de Clara, 1.º acto, scena 9.ª
2 O ministro e o galopim eleitoral, acto 2.º, scena 3.ª — Clara reconhecendo no Marquez de Carvide o seu verdadeiro pae, acto 3.º, scena 13.ª

THEATRO DE D. MARIA II

(Desenho de L. Freire e A. Silva)

1 Chegada á estação de Campanhã. — 2 Visita ao Hospital do Conde Ferreira. — 3 Inauguração da Bolsa. — 4 A Exposição no Palacio de Chrystal.

VISITA DA FAMILIA REAL AO PORTO

(Desenho de A. Silva)

lhimento da côrte portugueza, Jacques de Lalaing despediu-se, tornou a montar o seu fogoso rocim, como outr'ora o campeador na sua Babiéca, e lá se foi a caminho de Castella.

Este episodio galante é mais um traço caracteristico da reputação que já gosavamos na Belgica.

Quando, porém, affirmámos de um modo categorico a nossa importancia e valia, foi no reinado de D. Manuel, em que pela primeira vez ancoraram no porto de Anvers navios portuguezes. Este acontecimento capital nos fastos do commercio deu-se no anno de 1503.

(Continua) *Zephyrino Brandão.*

INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGUEZAS

XI

Casa da Moeda

(Concluido do n.º 462)

A historia da fundação da casa da moeda de Lisboa anda, na sua origem, ligada á instituição da universidade por D. Diniz.

Foi a casa da moeda estabelecida no sitio da Pedreira, junto ás Portas da Cruz. Essas casas eram então propriedade do cabido da Sé, como se mostra de uma provisão passada em 4 de setembro de 1300 (Era de J. C.) que adiante citamos.

João Baptista de Castro, no Tomo II, Porto IV, cap I, do seu *Mappa de Portugal*, diz:

«Estabelecendo D. Diniz os estudos geraes na cidade de Lisboa assignou para se fundarem estes utilissimos estudos o mesmo sitio chamado da Pedreira, no bairro d'Alfama, junto das Portas da Cruz, *nas casas da* MOEDA VELHA»...

O que denota que a esse tempo já havia *nova casa* para a amoedação, talvez que situada no local onde hoje se acha a cadeia do Limoeiro, pois que Damião de Goes na *Chronica d'el-rei D. Manuel*: Parte IV. cap. 85, fol. 109 diz ácerca d'este rei:

...«fez de novo em Lisboa junto da Egreja de Sam Martinho nos Paços da Casa da Supplicação e do Civil e cadeia do limoeiro, obra mui magnifica e sumptuosa *onde dantes fóra a casa da moeda* e depois os paços do Rei atté ho tempo del-Rei dom Diniz que fez os paços Dalcaçova.»

Transferindo D. Diniz a uiniversidade para Coimbra, em 1308. a moedagem foi de novo estabelecida nas casas da Pedreira. provavelmente por ellas serem mais amplas e adquadas áquelle fim.

D. Rodrigo da Cunha na *Hist. Ecc. da Egr. de Lisboa*, *Parte* II: *Cap*, *74* assignala este acontecimento:

«Edificarão-se de novo para as escholas casas particulares que *depoes forão* as *da moeda antiga* deo para ellas o sitio o cabido, a quem pertencia, como se vê da provisão seguinte: (e transcreve a provisão d'el-rei em que o rei D. Diniz manda a Domingos Durães e aos escrivães de Lisboa que tomem uma das suas casas ou uma das suas tendas, que valha cada anno 35 libras de aluguer e a entreguem ao cabido de Lisboa, ou a quem elle mandar, pelo campo da Pedreira e n'ellas se mande fazer as casas para o estudo.)

Trinta annos depois d'el rei D Diniz ter transferido para Coimbra a universidade, resolvendo D. Affonso IV estabelecer a côrte em Coimbra fez voltar a universidade para Lisboa (1338) mandou que se installassem as escolas no palacio das Portas da Cruz, passando a officina da moeda para as acanhadas casas onde haviam estado anteriormente. Parece que ali se fez a moedagem até 1354, em que voltando a universidade para Coimbra foram as officinas de novo installadas no palacio da Pedreira.

Reinando D. Fernando fez este rei construir nos sitios onde hoje é o Limoeiro um soberbo palacio para sua habitação, que depois se ficou chamando *paço dos reis*, mas intitulado pelo povo *paços da moeda*, provavelmente por estarem as officinas da moedagem localisadas dentro do paço real.

O *Paço dos Reis*, ou da Moeda, chamado tambem *Paços da Rainha*, por que ahi residiu D. Leonor Telles, foi depois reedificado por D. João I para habitação dos infantes D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique, e conhecido pelo nome de *Paço dos Infantes* e mais tarde, no tempo de D. Manuel, convertido em cadeia da cidade.

Em 1377 el-rei D. Fernando fez de novo transferir a universidade para Lisboa, sendo accomodadas as escólas na antiga casa da Pedreira, mas a esse tempo já a moedagem ali não estava estabelecida (T. Aragão. *Num. Port. Tomo I. pag. 56*).

Em 1551 já a Casa da Moeda de Lisboa existia junto aos paços da Ribeira, com frente para o Terreiro do Paço, como se vê do *Mappa de Portugal* de J. B. de Castro. Tomo III, cap. II § III, e tambem se mostra que, mais tarde, no reinado de D. Pedro II essa fabrica esteve situada na rua da Calcetaria (J. B. de Castro: Map. de Port. 1.ª edição. Tomo III. pag. 181).

Christovam Rodrigues de Oliveira, a pag. 15 do *Summario das Cousas de Lisboa*, (escripto em 1755 — mezes antes do terramoto) põe nos arruamentos da freguezia de S. Julião a *Porta da Moeda*; e J. B. de Castro, no tomo III, ao enumeror as portas das muralhas da cidade, falla da *Porta da Moeda* «*que existia* por baixo do quarto que ultimamente occupou a Serenissima Rainha D. Maria Anna d'Austria e dava para o Terreiro do Paço, e que *hoje* (depois do terramoto) se acha confundida.»

As casas da moeda, na rua da Calcetaria, começaram a demolir-se em abril de 1761 para no mesmo logar se construir o edificio do tribunal da congregação da patriarchal como aponta o mesmo Baptista de Castro a pag. 182 do tomo III do dito *Mappa*.

E' muito confuso este ponto pela razão dos chronistas do reino, e outros escriptores chorographicos, nada dizerem de positivo ácerca da existencia da casa da moeda em Lisboa n'aquelle tempo.

Diz o erudito academico T. de Aragão, a pag. 64 e 65 do livro I da sua Numisma Portugueza: — que em 1720 se ordenou a mudança da Casa da Moeda para onde actualmente se conserva pelo seguinte aviso, datado de 11 de março:

«— S. M. que Deus Guarde me ordena avise a V. Ex.ª é servido que a Casa da Moeda se mude para a Ribeira da Junta do Commercio, informando se V. Ex.ª da forma em que são as casas da moeda de fóra d'este reino para que se possa policiar esta, no que mais fôr conveniente — Deus Guarde a V. Ex.ª Paço, 11 de março de 1720. — *Diogo de Mendonça Côrte Real — Sr. Marquez da Fronteira.*»

Ali se estabeleceu definitivamente, em 16 de setembro, passando para lá a fabrica e os cofres (T. d'Aragão; Num. Port. Tomo I. pag. 65).

Em 27 de fevereiro de 1740 foi comprado pelo governo um pequeno predio situado na parte léste do edificio, na rua de S. Paulo, casa pertencente a João Pacheco de Sousa que recebeu pela expropriação uns 600$000 réis.

Essa expropriação serviu para isolar a casa do lado oriental, formando-se um becco (hoje denominado *Becco da Moeda*) que tem o comprimento de 7m.5 por 3m,8 de largo.

Pelo terramoto de 1755 o edificio nada soffreu. Na occasião d'aquella catastrophe que derrubou parte da cidade, a guarda da moeda, que era de infanteria, fugiu apavorada. á excepção do tenente Bartholomeu de Sousa Mexia, o sargento, e tres soldados, que defenderam o edificio do assalto da gatunagem e o livraram do incendio que lavrava pela cidade. Esse serviço foi largamente remunerado pelo conde de Oeiras, em vista dos grandes valores que ali havia, pois que só em cofre a Casa da Moeda tinha então dois milhões de cruzados.

Já a esse tempo a Casa da Moeda possuia machinas e utensilios de grande valor, comprados em França e na Allemanha.

Até fins do seculo XVII cunhava-se o dinheiro a martello — o que era precisamente *bater moeda*.

Em 1561 João Gonçalves, por alcunha *o Engenhoso*, fez uma machina que foi ensaiada, mas como o processo não désse bons resultados foi posta de parte continuando-se o uso do martello.

Reinando D. João IV foi trazido de França um engenho por Antoine Routier e admittido a funccionar por intervenção de Gaspar Ribeiro, juiz e thezoureiro da moeda.

O conselho de fazenda deferiu esse pedido em 3 de dezembro de 1649.

Parece tambem que esta segunda tentativa não deu melhores resultados que a primeira, voltando-se ao systema do martello.

Em 1678 (regencia do infante D. Pedro) o 3.º conde da Ericeira, D. Luiz de Menezes, védor de fazenda e director da moeda, acabou de vez com a cunhagem a martello e fez construir pela industria nacional o primeiro balancé, com o qual se cunharam todas as moedas até 1837, anno em que se mandou vir d'Inglaterra uma poderosa machina de cunhar, movida a vapor.

Foi na direcção do conde de Ericeira que se estabeleceu o uso da serrilha nas moedas de ouro e prata para impedir o seu cerceio.

A antiga machina, que, como assim dissémos, foi feita em Lisboa por um artista portuguez, de appellido Oliveira, ainda hoje existe. Acha-se no museu archeologico do largo do Carmo. E' de bronze e tem gravados, entre diversas ornamentações, os seguintes dizeres:

Sendo Regente d'estes Reinos o Principe Dom Pedro, Dom Luiz de Menezes Conde da Ericeira, do sev Concelho, e vedor de fazenda da Repartisao da India mandov mvdar a fabrica da moeda de martelo a esta emprensa por seevitar o sersearse o dinheiro — Anno 1678.

Mais tarde D. João V reconheceu tanto os serviços d'este funccionario illustre que permittiu que o seu nome se collocasse em bronze na porta da Casa da Moeda, como o declara o 4.º conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes na *Historia Genealogica da Casa Real* (*Tomo IV, pag. 420 e 422*, em carta dirigida, em 1738, ao padre D. Antonio Caetano de Sousa, na qual diz:

«— Bem póde ser que V. Reverendissima se lembrassem pelo favor que faz á minha familia, do muito que se deve a meu pay o Senhor Conde da Ericeira, D. Luiz de Menezes, no seu ministerio, encarregando-lhe El-Rey D. Pedro II, como Veador da Fazenda da repartição dos Armazens e reducção da Moeda, e o remedio do gravissimo delicto do cercêo, a que a ommissão de alguns Ministros não acudio a tempo, tendo meu pay anticipadamente procurado que se prevenisse este damno, e a que a generosidade de El-Rey satisfez êm grande parte, mandando, que as Patacas a que o cercêo tinha reduzido a quarto oitavas e meya de prata se pagassem por sete oitavas e meya, que era o seu verdadeiro pezo. Por direcção sua se fez a cerrilha que difficultou muito o cercêo e na Casa da Moeda se pozerão os cunhos, as fieiras, e outros instrumentos, e machinas uteis, e primeiras, até áquelle tempo desconhecidas, e se apurarão os ensayos tão exactamente que n'este ultimo tempo vimos que a Côrte de Hespanha pedio á nossa Antonio Martins de Almeida, que com grande acerto, e fidelidade desempenhou a sua commissão instruido n'esta arte por seu tio, do mesmo nome. Recolheu-se á Casa da Moeda toda a que havia no Reyno que importou mais de cincoenta e quatro milhoens, assim para reduzir-se á nova forma como para que na nova se puzesse a cerrilha, do que foy inventor Manoel Rodrigues da Silva. primoroso Artifice. devendo-se muito a intelligencia do ensayo a Joseph Ribeiro Rangel que depois dirigio as casas da Moeda no Porto, Rio de Janeiro e Bahia, e ao cuidado de Nicolao de Oliveira, de Fernão Nunes Barreto e de outros Provedores da Casa da Moeda que lhe succederão. Todo o dinheiro se entregou ás partes sem a menor falta e de todo o progresso desta importante administração que meu pay por mais de doze annos teve, conservo excellentes propostas, e votos, de que El-Rey se satisfez tanto *que o honrou e despachou por este grande serviço, e permittio que o seu nome se gravasse em bronze como estava sobre a porta da Casa da Moeda que ha poucos annos se mudou da visinhança do Paço para a Boa Vista. donde hoje existe*, lavrando-se no novo edificio que El-Rey mandou fabricar os muitos milhoens que se tirão das Minas do Brazil e que he de ouro de tão fino toque que algum excede de vinte e quatro quilates. e que se destribue em beneficio e utilidade do Reyno e da piedade e grandeza do seu Augusto Monarcha».

Em 30 de janeiro de 1835 foi comprado em Inglaterra um engenho a vapor por 27:000$000 réis, com o fim de cunhar não só a moeda grossa de cobre, mas a de ouro.

Para o assentamento d'esta, que foi difficil, vieram os engenheiros Willcox Anderson e Samuel Clegg e filho, mas a cunhagem só veiu a começar-se em 1838.

Finalmente a 28 de julho de 1845 foi decretada a juncção das repartições de papel sellado e casa da moeda, dando-se-lhes regulamento em 22 de novembro do mesmo anno.

(Continúa)

A HERANÇA DO BASTARDO

Romance original

XXI

Lance imprevisto

Como disseramos o abbade de Baleizão affeiçoara-se ao pequeno Emilio, não só porque adquirira a certeza de que Pedro Miguel havia sido injusto nas apreciações que fizera d'elle, no intuito talvez de desculpar os desejos de se desfazer d'esse oneroso encargo, como porque via a maneira proveitosa como o orfão recebia as suas lições, demonstrando mais d'uma occasião que a sua intelligencia robusta e clara como era, precisava de ser tratada e cuidada com esmero, á maneira d'essas pedras preciosas de grande valor, antes de figurarem nas vitrines dos joalheiros.

Reflectindo tambem que Emilio apresentava uma compleição debil e um aspecto doentio, o que em tão poucos annos de idade podia ser a pronuncio de uma curta existencia se continuasse levando uma vida afadigosa e mal alimentada, dispensou-o do mister de guardador de gado e começou a admittil-o nos serviços da egreja, no que Emilio não deu menores provas de intelligencia, aliada sempre á humildade mostrando se zeloso cumpridor de tudo que lhe era ordenado.

Não descançou o abbade; a perspicacia e viveza de Emilio davam-lhe uma certa obrigação á consciencia de cuidar sobre qual seria o futuro do orfão que lhe havia sido confiado.

— Se entrasse para um noviciado. O sacerdocio é a carreira a que convem destinal-o. Terei de me separar d'elle, é verdade, e a pobre creança é tão minha amiga. Vae custar-me, vae, se o tirarem da minha companhia. Mas não devo ser egoista e primeiro de que tudo está o seu futuro?

Por uma bella manhã o abbade resolveu-se a tratar definitivamente do futuro de Emilio e, para esse fim, desejou ouvir o conselho de Ayres Pinto, seu amigo de infancia e primo do corregedor de Beja, que habitava em Louredo, ficando assente que quando este estivesse com o corregedor deviam definitivamente tratar do assumpto e que, do que fosse combinado, lhe mandariam participar a elle abbade.

Os motins populares e a invasão franceza em Beja deram, porem, em resultado a fuga do corregedor e de Ayres Pinto, e o abbade que de nada sabia, ficou-se á espera que o primo do corregedor cumprisse a sua palavra.

Foi portanto immediatamente este assumpto que lhe veiu á imaginação quando Pedro Miguel levantando a lingueta da porta do seu gabinete de trabalho pediu licença para entrar e mais duas pessoas que o acompanham.

Se o leitor se recorda eram Luiz e Fernando Telles, que deixámos com Pedro Miguel, dirigindo-se para casa do abbade.

Mal ouviu as palavras do camponio o abbade levantou-se immediatamente e veiu convidar Luiz e Fernando a entrarem.

Foi Luiz quem tomou a palavra.

Expoz que uma senhora, de quem não lhe era permittido revellar o nome n'aquelle momento, o encarregara de procurar uma creança que havia sido roubada havia oito annos por uns ciganos; que essa creança fôra exposta nos degraus da egreja de S. Sezinando, e que exactamente por essa epoca, e nos degraus d'essa mesma egreja, Pedro Miguel dissera ter encontrado Emilio.

Ao dizer isto Luiz tirou do bolso uma carta de apresentação que Ayres Pinto lhe havia dado antes da sua fuga, relatando seguidamente ao abbade os successos que tinham determinado tal procedimento do seu amigo.

— Esta carta fôra-me dada em data muito anterior como V. Rev.ma terá occasião de certificar-se, porem os ultimos acontecimentos politicos impediram-me de ha mais tempo me desempenhar d'esta missão.

— Folgo immenso, disse o abbade, que afinal essa creança encontre familia que o estime e o possa educar convenientemente, como merece o seu espirito e a sua intelligencia, que tenho cultivado nas acanhadas proporções do meu saber.

E chegando á janella que deitava sobre a horta do hermiterio chamou.

— Antonio! Antonio!

E impacientando-se:

— Onde estará mettido este negregado? Antonio! Antonio!

— La vou sr. abbade.

— Não é preciso, procura Emilio e dize-lhe que venha cá acima.

Depois voltando-se para Luiz:

— Deve ter alguns dados especiaes que o ajudem a reconhecer a creança que procura.

— Um só. Dizem que a creança roubada tem o signal de uma flor no hombro esquerdo.

— Esse é deveras valioso e dará a prova irrefutavel da sua identidade. Nada mais facil do que examinar aqui mesmo se Emilio apresenta o signal indicado.

— Não imagina sr. abbade com que anciedade o esperamos.

Ouviram-se passos no corredor.

— Eil-o, disse o padre.

— Mandou-me chamar sr. abbade, perguntou Emilio apenas assomou ao limiar da porta?

— Mandei. Approxime-se; estes senhores estão encarregados de uma delicada missão. Procuram uma creança que ha oito annos foi exposta nos degraus de uma egreja de Beja, e como com Emilio se deu essa mesma circumstancia, precisamente decorridos, tambem oito annos, é a razão porque...

— Sim acrescentou Luiz, que nunca mais podera desviar os olhos d'aquelle rosto expressivo e attrahente, que o impulsionava no intimo, como se a natureza alguma cousa lhe estivesse segredando lá dentro... E' a razão porque pedimos ao sr. abbade licença para o ver.

— Não comprehendo... eu não me recordo... Nada posso dizer que...

— Nos esclareça, não é verdade, mas a creança que procuramos tem em si uma prova irrefutavel... e se nos dá licença.

Luiz desabotoou por suas mãos um roupão que Emilio trazia vestido, abriu-lhe a camisa até lhe descobrir o hombro esquerdo e recuou surprehendido. Na extremidade da clavicula esquerda via-se uma nodoa parda com a forma irregular mas definida de um amor perfeito.

— Vejam, vejam. E' elle, é elle!

E chorando e rindo ao mesmo tempo abraçava e beijava com frenezi o pobre Emilio, muito espantado de toda aquella scena de que não percebia nada.

— Não dorme a Providencia, não, dizia o abbade. Deus velava por elle sr. Pedro Miguel, e tanto, que trazendo-o para minha casa pôl-o no caminho de encontrar sua familia, o que decerto não teria succedido se o levasse para Beja a aprender um officio, como eram suas ideias, porque o pequeno já não seria cá d'este mundo...

— Isso é verdade sr. abbade, porém, deve comprehender, tartamedeou o Pedro Miguel, que não acertava com o que havia de dizer, e no intimo estava mandando ao diabo o pastor d'almas.

Sem duvidar mais de que acabava de encontrar seu filho, Luiz, dominando afinal as expansões do seu amor paterno, pediu ao abbade que conservasse ainda por algum tempo Emilio debaixo da sua vigilancia e direcção. Continuaria como até ali a dispensar-lhe o ensino e o alimento, mas para isso pedia que acceitasse a mezada de cincoenta cruzados, que a mãe de Emilio o auctorisava d'esde então a dispender com a sua alimentação e educação.

Não quiz o abbade de forma alguma annuir quanto á segunda parte da proposta de Luiz, porém não duvidava acceitar a primeira e até gostosamente, visto acharem que elle poderia ser util ao seu protegido.

Pedro Miguel é que se não podia conformar com este desinteresse do abbade. Se elle estivesse no seu caso... Agora é que elle torcia a orelha de não conservar o pequeno em casa por mais algum tempo. Diabo das precipitações. Mas já não havia remedio e tinha de se conformar com a sua sorte.

O abbade offereceu do seu jantar a Luiz e Fernando, que foram compellidos a acceitar, tanta insistencia mostrou para isso o bom padre.

A mesa estava posta para quatro talheres. Quando se dirigiam para a casa de jantar Pedro Miguel, despediu-se do abbade e de Emilio, que apesar do que no passado lhe haviam feito soffrer, ainda se lembrou de mandar um abraço e um beijo á mãe Genoveva, como elle a tratava sempre.

— Julguei que o sr. Pedro Miguel jantava tambem com o sr. abbade? Perguntou Luiz.

— Vejo que não tinham contado com elle porque os quatro talheres são precisamente para os senhores, para mim e para Emilio, mas se quer sr. Pedro Miguel?

— Ah! muito obrigado a V. Rev.ma eu vou cá ao meu jantar, que tambem já deve estar a saltar para a mesa.

E dirigindo-se a Luiz e Fernando:

— Quando os meus fidalgos se quizerem retirar mandem-me dizer um pedacinho antes pelo Antonio, criado do sr. abbade, que é para eu enfrear. Vou dar uma pouca de aveia ás bestas. Até logo sr. abbade.

— Adeus Pedro Miguel.

O jantar correu animado. O abbade alguns vezes fazia perguntas ao discipulo para mostrar o estado do seu adiantamento. Luiz estava orgulhoso e feliz. Fernando e o abbade contentes e alegres. Emilio um tanto acanhado; mas talvez por instincto natural já mais familiarisado com seu pae do que com Fernando Telles.

Pelas tres horas levantaram-se da mesa.

Luiz e Fernando fizeram as suas despedidas. Emilio obrigou Luiz a prometter-lhe de voltar breve. Pareciam dois amigos de longos annos.

Pae e filho tornaram-se novamente a abraçar e a beijar, e esta sympathia instinctiva não passou desappercebida ao experiente abbade, que murmurou ao vêr sair os seus hospedes de algumas horas:

— Ia jurar que o Emilio é filho de Luiz Ferreira Lobo, pareceu-me até que haviam similhanças pronunciadissimas nos rostos de ambos.

Alguns momentos antes o abbade mandara o Antonio a casa de Pedro Miguel, prevenil-o de pôr de alimarias em ordem de marcha, por isso, logo que Luiz e Fernando chegaram, dispediram-se de Pedro Miguel e de Genoveva, que veiu á porta para os vêr partir, montaram, e d'ali a alguns instantes desappareciam na estrada de Beja.

Já haviam caminhado mais de meia hora em profundo silencio quando Fernando Telles se dirigiu a Luiz.

— Dou-te os parabens meu amigo. Achando teu filho tens metade da tua missão cumprida.

— A mais espinhosa e a mais agradavel agora para mim. Não imaginas Fernando que enorme prazer senti ao apertar em meus braços essa creança que eu julgava ter perdido para sempre. E como Soledade ficará contente quando o seu espirito lhe deixar comprehender a felicidade que lhe está reservada. Reparas-te com que precisão Emilio respondia ás perguntas do abbade? Que olhar, que distincção de maneiras, que lucidez de ideias! E que bello homem é aquelle padre! Como elle comprehendeu que não estava n'aquella creança um simples guardador de gado. Cada vez que me lembro que o morgado havia planeado a morte de meu filho para se apossar da fortuna da mãe... Miseravel! Havemos de ajustar as nossas contas, assassino. Se não fosse aquelle camponio que por dó ou por ambição levou Emilio para sua casa, o que seria d'elle n'este momento?

— Esse miseravel morgado merece uma boa lição, pena é que fosse ordenada a suspensão de todos os processos forenses á excepção dos da policia e inconfidencia, porque dariamos immediatamente começo ao processo contra elle.

— Quanto maior fôr a demora no julgamento, maior numero de provas poderemos accumular contra o criminoso. Serei inexoravel como elle o foi para os dois entes que no mundo me têem sido mais caros depois de meu pae e de minha santa mãe.

Em seguida Luiz voltou a fallar de Emilio, dos planos com respeito ao seu futuro, á carreira que o havia de destinar, emfim de todas essas fagueiras esperanças que alimentam a felicidade dos paes que amam deveras seus filhos.

Fernando sentia-se feliz de vêr o seu amigo disfructar aquelle antegoso, do que podia ser bem uma realidade.

Pouco depois deram entrada na cidade e alguns minutos mais Fernando apeava-se com o seu amigo á porta de casa.

Mas não tinham ainda transposto o limiar da porta quando reconheceram Tossaud que se dirigia para elles todo afadigado.

— Que ha de novo? perguntou Fernando indo as encontro de Tossaud, e cuja presença, diga-se a verdade, não tomou de muito bom agouro.

— Da parte do coronel tenho ordem de lhes communicar que necessita urgentemente dos seus serviços, e que apenas chegassem instasse para que fossem na minha companhia sem um momento de demora.

— Vamos já.

E voltando-se para Luiz:

— Creio que não terás duvida em acompanhar-me?

— Nenhuma.

Entregaram os cavallos ao criado que veiu esperal-os ao vestibulo e seguiram Tossaud, sem que pelo espirito lhes passasse a mais pequena desconfiança.

(Continua)

Julio Rocha.

REVISTA POLITICA

Poucas horas faltam para que termine a viagem de Suas Magestades ao norte do paiz, e quando estas linhas sahirem a publico, já os monarchas terão regressado a Lisboa, depois de terem sido saudados com enthusiasmo pelas populações das provincias do Douro e do Minho; depois de terem estreitado mais os laços que prendem o povo á monarchia, e d'aquelle affirmar solemnemente o seu amor ás instituições.

Hontem era a provincia da Beira Baixa, que tributava aos monarchas todos os respeitos e os recebia festiva e affectuosamente, com a tradicional bizarria e cavalheirismo do povo portuguez. Depois era Lisboa que respondia esmagadoramente aos que a incitavam a manifestar-se republicana votando na chamada lista de protesto da eleição municipal. Hoje são as provincias do Douro e do Minho, que affirmam eloquentemente o seu amor ás instituições e ao rei, n'essa viagem triumphal que os monarchas acabam de realisar.

Se amanhã essas viagens se repetirem a outras provincias do reino, estamos certos que tambem se repetirão as mesmas demonstrações de respeito e amor pelos monarchas.

Ora sendo o paiz tão pronunciadamente monarchico, mal se comprehende como as idéas republicanas tem conseguido fazer um certo caminho, chegando mesmo a tomar certa importancia, e conseguindo até fazer uma revolta de caserna, que estabeleceu por horas a Republica na segunda cidade do reino.

Devem ter sido muitos os erros accumulados para se chegar áquellas horas de descrença que dominaram alguns espiritos desalentados.

E em verdade assim é. O abuso que se tem feito das instituições é que tem criado tantos descontentes, apesar dos mesmos abusos terem contentado outros tantos. Nada mais pernecioso que o systema adoptado de querer contentar todos para ter adeptos, resultando que por mais que se contente, ficam sempre muitos por contentar, e o unico meio de sahir d'este circulo vicioso é não contentar nem descontentar ninguem, e para isso inventou-se uma coisa que se chama Justiça.

Faça-se justiça plena em todos os actos do poder, e ninguem terá de que se queixar a não serem os nescios.

Faça se justiça e estará restabelecida a moralidade por que se clama, ter-se-ha inaugurado essa Vida Nova que se pede, e ter-se hão conjurado tantos males que affrontam a sociedade portugueza.

A nação ahi está firme nas suas tradicções; não abusem d'ella os que lhe devem administrar a sua justiça, e se esta, sendo recta e equitativa, ainda produzir descontentamentos, e os ambiciosos a sobrepujarem, não nos fallem mais em patria nem em patriotismo, porque aquelles serão os primeiros Espendios d'esta Grecia decadente.

Ponhamos ponto aqui para tratarmos d'outros assumptos a que temos que nos referir, e um d'esses assumptos é a reabertura do parlamento que acaba de se realisar á hora em que escrevemos estas linhas.

Uma reabertura pacata, sem ruidos, passando quasi desapercebida, reunindo apenas quarenta e cinco deputados no seio da representação nacional.

Não se póde affirmar que esta pacatez com que o parlamento abriu, se prolongue em santa paz atravez das sessões que se vão realisar, porque chegou-se a dizer que o sr. ministro da fazenda não iria ao parlamento, pela simples razão de que entregaria a sua pasta ao sr. ministro da justiça, antes das camaras se abrirem.

Chegaram mesmo a correrem boatos de crise ministerial, emfim a depravada politica sempre a fazer das suas, a não deixar administrar, a dar mais que fazer ao governo que as proprias finanças do paiz, que tão precisadas estão das suas attenções.

Parece, porém, que não se levantarão no parlamento obstaculos ao governo que elle não possa vencer, e que o momento de disputar o poder ainda não chegará tão cedo, porque as causas que determinaram a actual situação ainda não cessaram, para que haja quem a queira substituir.

Muito mais graves estão sendo os acontecimentos do Brazil, que os interesses que nos ligam áquelle paiz, mais obrigam as nossas attenções.

Depois da dictadura do general Deodoro, já se deu a deposição do dictador, e assumiu a presidencia da Republica o general Floriano Peixoto, que era o vice-presidente.

Esta mutação não se fez sem demonstrações aggressivas ao dictador, por parte do exercito e da armada brazileira, que se levantou em massa contra o general Deodoro.

BUENOS AIRES — Um homem do campo n'um Potril

(Segundo photographia de Samuel Boote)

Não sabemos se o novo presidente offerece mais garantias de estabelidade que o deposto, mas o que nos parece é que o Brazil entrou n'um periodo de agitação, de que as ambições pessoaes são o principal motor, e em que não faltarão pretendentes á presidencia, como só até aqui os teria a logares de amanuense.

Todos querem saber o gosto que tem as altas regiões do poder, e por isso preparemo-nos para assistir a uma exhibição de presidentes, que successivamente irão subindo ás eminencias da Republica para descerem empurrados pelos mesmos que os fizeram subir.

Mau é principiar, porque emfim os direitos são eguaes, e quantos bons brazileiros estarão n'este momento pensando: e se eu fosse presidente!

João Verdades.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Discurso Inaugural, *recitado no dia da sessão solemne da abertura das aulas do Instituto de Agronomia e Veterinaria, para o anno lectivo de 1890-1891, e relatorio referido ao anno lectivo de 1889-1890*, por João Ignacio Ferreira Lapa, lente jubilado e director do mesmo instituto. Lisboa, Imprensa Nacional, 1891.

Valioso doccumento official é este discurso e relatorio, elaborado pelo sabio e talentoso professor sr. Ferreira Lapa, hoje o mais antigo lente d'aquelle instituto de ensino superior.

O discurso proferido pelo sr. Ferreira Lapa, é o elogio do fallecido professor e estadista João de Andrade Corvo. Não podia ser mais completo, nos estreitos limites de um discurso proferido em uma sessão, o estudo biographico e critico do illustre morto, cuja falta todos deploramos. Tratando do litterato, do professor, do politico estadista e diplomata, demora-se mais na apreciação dos serviços por elle prestados á agricultura, como era natural, no logar e occasião em que se tratava, e aproveitando habilmente esta circumstancia, faz uma desertação sobre os progressos agricolas do nosso paiz. Remontando as antigas eras, chega a 1852, em que se fundou entre nós o ensino official da agricultura, por conselho e influencia de João de Andrade Corvo, e historia resumidamente esse ensino e a parte que nos seus progressos e desenvolvimento n'elle tomou Andrade Corvo.

O relatorio é bastante circumstanciado sobre o movimento do anno lectivo, não só respeitante as diversas disciplinas ensinadas e seu aproveitamento por parte dos alumnos, mas ainda a adiministração, onde se conhece que a receita eventual cobrada por serviços veterinarios prestados nas enfermarias do Instituto, foi de 5:288$694 excedendo a somma votada para o custeio dos serviços d'estas repartições, aparte os vencimentos do pessoal, em 288$694. Agradecemos ao auctor a sua amavel offerta.

Pleito Historico *entre João Sanches de Baena e João Pinto Ribeiro*, por Nicolau Florentino. Lisboa, Adolpho Modesto & C.ª, editores, um vol. in-4.º de 152 paginas. Este livro vem fazer certa luz sobre o heroe da revolução de 1640, João Pinto Ribeiro, considerado até hoje o principal factor d'essa revolução restauradoura da independencia de Portugal. Até aqui só Camillo Castello Branco tinha dito alguma cousa que empanasse um pouco a gloria d'aquelle vulto da nossa historia, mas o livro que acaba de publicar-se apeia o heroe do seu pedestal, e substitue-o por João Sanches de Baena com bem fundados argumentos ou melhor doccumentos.

Não é a primeira vez que estes casos acontessem, quando se esmiussam bem os factos historicos, e crêmos bem que sobre este ponto muito terão que esmiussar os foturos investigadores sobre a veracidade de muitos heroes da historia d'hoje, apesar da grande publicidade dos nossos dias, mas que nem sempre é a expressão da verdade.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43